

interin

Revista do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Linguagens | Universidade Tuiuti do Paraná
ISSN: 1980-5276 | DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin
v. 25, n. 2, jul./dez. 2020

DOSSIÊ TEMÁTICO

FOTOGRAFIA DAS

margens

MARGENS DA

fotografia

rede
grafa



Universidade
Tuiuti do
Paraná



Apresentação

Fotografia das Margens/Margens da Fotografia

Trazemos aos leitores desse volume de *Interin* uma amostragem representativa da reflexão sobre importantes aspectos da presença da fotografia, seja como fenômeno central da cultura visual contemporânea, assim como articulando variáveis metodológicas e teóricas do debate sobre a centralidade da imagem nos processos de circulação cultural propiciados pelas tecnologias da visualização – em contextos de informação, expressão, estesia e de regimes discursivos e comunicacionais.

Todos esses aspectos temáticos e epistemológicos da reflexão sobre o fenômeno fotográfico veem constituindo o centro das preocupações que norteiam o trabalho da Rede Integrada de Pesquisa em Teorias e Análise da Fotografia, a Rede Grafo, constituída por líderes de Grupos de Pesquisa e seus orientandos, em nível de graduação e pós-graduação, na área de estudos sobre a fotografia e a cultura visual contemporânea, em diferentes PPGs da área de Comunicação (sediados na UFF, UFOP, UFS, UTP, UFPE e UFRGS), em encontros anuais periódicos – as *Jornadas de Estudos sobre Teorias da Fotografia* – para debater questões nesse campo, desde 2015.

Nas sucessivas edições desses encontros, propiciamos o espaço para a apresentação de trabalhos de pesquisadores *seniors*, assim como de mestrandos e doutorandos, versando sobre eixos temáticos definidos para cada edição do evento – e sobretudo garantindo o espaço de uma discussão qualificada sobre cada *paper*, a partir de relatorias previamente estabelecidas para orientar as discussões posteriores sobre os textos apresentados. Ademais, mantemos um espaço de exercício de escrituras críticas sobre aspectos variados da presença cultural da imagem fotográfica, como resultado das edições do evento e publicados como breves ensaios na página da Rede Grafo, em www.redegrafa.com.br.

O dossiê que apresentamos aos leitores agora reflete, em sua maior parte, o conjunto de proposições lançadas e aprovadas para a 5ª edição dessa jornada, prevista para acontecer na Universidade Tuiuti do Paraná, no fim de março de 2020 – e infelizmente canceladas, em razão da recente pandemia da COVID-19. De modo a

garantir uma primeira circulação dessas ideias, em um âmbito mais público, os organizadores do evento (Benjamim Picado, coordenador da Rede Grafo, e Angie Biondi, coordenadora da *5ª Jornada de Estudos sobre Teorias da Fotografia*) conceberam a possibilidade de montar um volume com estes textos (agora apresentados em uma versão mais extensa do que aquela originalmente concebida para sua exposição oral, na programação da jornada).

Quanto aos textos que compõem esse dossiê, esclarecemos que eles representam diferentes pontos de ataque do universo temático global desta 5ª Jornada de Estudos sobre Teorias da Fotografia: definido como “Fotografia das Margens/Margens da Fotografia”, a tópica proposta contemplava os diferentes modos de se pensar a noção das “fronteiras” através das quais a fotografia se define como um fenômeno reconhecível da modernidade e da contemporaneidade, em diversas conotações dessa admissão.

Esta eleição do tema central envolve pelo menos duas dimensões possíveis da noção de “limite”, para se pensar o lugar da fotografia: no plano empírico, isto significaria identificar os diversos aspectos em que a iconografia fotográfica, em seus variados usos, se endereçaria a temas tais como os de delimitações de identidades, geografias, lugares e histórias – poderíamos definir essa conotação como sendo aquela que designa os “limites” como universos “temáticos” que a significação visual da fotografia endereça, a vários títulos; na sua segunda dimensão, a noção de “limite” implica a discussão sobre as fronteiras conceituais, através das quais as teorias da fotografia buscaram delimitar o espaço conceitual do fenômeno – seja no plano da relação com o “não-fotográfico” (a pintura, o desenho; o visual e o verbal), seja no plano das próprias transformações da história das tecnologias fotográficas (o analógico e o digital).

De diferentes modos, os textos aqui presentes refletem a amplitude com a qual o conceito mesmo da “fotografia” nos exige o enfrentamento crítico do modo como nos habituamos a pensar em seu fenômeno, partindo da ideia de que sua aparição no horizonte da cultura implicou a admissão de um verdadeiro “advento” ou “acontecimento”, no campo das imagens. De todo modo, fazemos uma breve apresentação dos textos desse dossiê – recomendando enfaticamente a leitura e fruição atentas das versões integrais que compõem este volume.

Começamos com o ensaio “(Des)Aventuras do Índice nas Teorias da Fotografia”, no qual Benjamim Picado desafia algumas de suas já conhecidas obsessões com respeito a uma certa dominância do tema da indexicalidade nas teorias da fotografia – especialmente nas conotações que assume como resultante de uma significação “natural” ou “causal” da imagem; ao discorrer sobre a influência dessa conotação do índice nas teorias clássicas da fotografia, o autor identifica uma possível má-apreensão de sua significação conceitual, no confronto com certos aspectos da ortodoxia semiótica, especialmente na letra de Peirce.

A seguir, em “O Terceiro Click da Fotografia”, José Afonso Junior nos reintroduz a esta discussão sobre os potenciais indexicais da imagem fotográfica, mas endereçados a partir de um fenômeno recente de seus regimes de circulação, a saber, aquele do “dar um *print*”: como evento associado às modalidades da gênese e da circulação cultural da fotografia, em ambientes atravessados de tecnologias de visualização e mediatização (câmeras digitais e redes sociais), o autor retoma essa noção de “índice”, mas inserindo-os em uma segunda ordem de sua “origem”.

Em “Imaginando o Holocausto, a partir de *Faces of Auschwitz*”, Ana Carolina Santos e Rafael Tassi Teixeira abordam um outro fulcro dos debates teóricos sobre a fotografia, a quase arcana discussão sobre as relações entre texto escrito e imagem – como elementos de uma “retórica visual” da fotografia: à luz das práticas artísticas exercitadas a partir de imagens de identificação de prisioneiros e vítimas do Holocausto, os autores abordam os diversos problemas implicados na reelaboração do passado, assim como do lugar específico que se pode atribuir às regências propriamente visuais da memória e do discurso atestador da história, a partir dessas apropriações ou gestos do campo da arte.

Uma contribuição de valor singular para a Rede Grafo é aquela trazida por Vincent Lavoie, professor de história da arte e da fotografia na Universidade do Québec em Montreal (UQÀM): em seu artigo “Qual visibilidade para o êxodo em massa”, ele se exercita no olhar sobre determinadas produções visuais e audiovisuais da crise dos refugiados sírios e iraquianos, que tentavam alcançar as fronteiras do sul da Europa, procurando lidar com os diferentes recursos materiais e tecnológicos do testemunho dessa aventura de contornos trágicos do êxodo humano no início do nosso século. Nesse contexto, Lavoie explora as condições institucionais da circulação dessa

produção, assim como as estratégias retóricas que visitam essa iconografia, como aspecto que as destaca de outras representações do sofrimento na história da fotografia e da imagem.

Ainda na senda dos dramas humanos cuja significação histórica foi consideravelmente delineada pela fotografia, o texto de Ângela Marques e Luiz Mauro Martino nos oferece uma singular dimensão desse processo, a partir de uma perspectiva que tematiza a significação do “limite”: em “Fotografias do Limiar”, os autores abordam certas estratégias retóricas da documentação fotográfica da pobreza, à época da depressão econômica nos Estados Unidos, no período posterior à crise de 1929. Centrado em amostragens do trabalho da divisão de fotógrafos da Farm Security Agency, o texto aborda as diferentes dimensões discursivas do recurso a espaços privados e públicos dos sujeitos representados pela importância de intervalos como os de janelas e portas de casas – naquilo que indicam da situação igualmente liminar da existência precária desses mesmos sujeitos.

Centrados na dimensão “temática” da noção do “limite”, como marcação conceitual de uma reflexão sobre a experiência fotográfica, encontramos “A História do Outro, em *Gênese*, de Sebastião Salgado”: nesse texto, Mariana Feldhues e José Afonso Junior procuram inverter o modo de olhar para as representações de povos originários, a partir de uma perspectiva “anti-colonial” da análise dessa iconografia; este tipo de problematização, que vai se tornando moeda corrente nos estudos da comunicação, é mais que bem vinda, no contexto específico dos modos como se pensam os regimes discursivos da significação documental da imagem fotográfica (e variáveis tais como as do “gênero”, da “etnia” e das “historicidades” reprimidas pela própria história da fotografia).

Em “Imagens de um Tempo Suspenso”, Greice Schneider e Renata Benia exploram um outro ângulo de ataque para a questão da representação da atualidade histórica no fotojornalismo: situadas em face do atualíssimo caso da pandemia da COVID-19, as autoras procuram abordar esse tema na perspectiva das figurações pictóricas ou fotográficas de uma temporalidade suspensa ou, quando menos, desacelerada; como sucedâneo de uma série de fenômenos que não permitem uma instalação do olhar no âmbito da instantaneidade de seus efeitos, a representação

fotográfica de uma pandemia convoca imagens de uma potencial “catástrofe invisível”.

Ao final, o texto “Distância e desejo nas fotografias de Alvin Baltrop e Miguel Ángel Rojas”, Ícaro Ferraz Vidal, nos convoca à reflexão acerca das diferentes modalidades do engajamento ótico que podem residir em certas poéticas homoeróticas. Percorrendo as imagens de Baltrop e Rojas, o autor desvela as nuances liminares entre o olhar vigilante e o olhar voyeurista, a distância e a participação, como zonas de indeterminação imanente às imagens, cabendo ao leitor/espectador, o trânsito em suas margens.

Às editoras de *Interin*, Mônica Fort e Denise Guimarães, que manifestaram interesse em abrigar essa iniciativa, permitindo-nos assim dirigir os esforços para viabilizar esse volume, somos gratos pela disponibilidade desse importante veículo acadêmico de nossa área de estudos para a publicação desse dossiê.

Esperamos que a leitura desses textos possa enriquecer o debate contemporâneo sobre o lugar dos fenômenos visuais da fotografia na atualidade, com desejáveis efeitos no modo como endereçar teórica e metodologicamente estas questões – ao menos na perspectiva daquilo que é canonicamente reconhecido como repertório corrente dessas reflexões, seja no campo da comunicação ou em suas adjacências, nas humanidades. Ansiamos por uma boa leitura e aguardamos as reações dos colegas, possivelmente em novos eventos da Rede Grafo.

Em Florianópolis e Curitiba, maio de 2020.

Benjamim Picado

Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil.

Angie Biondi

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Brasil